

Entrevista

Impactos culturais da mídia e da tecnologia

Divina Frau-Meigs

Entrevista concedida a Sonia Virgínia Moreira¹

Revista Intercom – *Você esteve no Rio em novembro de 2007 para o 2º Fórum de Governança na Internet. Como uma pesquisadora que se destaca pelos estudos dos impactos culturais da mídia e da tecnologia, entre outros assuntos, o que identifica como relevante para o Brasil em ser sede de um evento como esse?*

Divina Frau-Meigs – Podemos considerar que o Brasil exerce liderança em termos de diversidade cultural, mídia, governança eletrônica e Tecnologia da Informação e da Comunicação. Alguns exemplos que comprovam isso: o Brasil foi um dos incentivadores de uma agenda para o desenvolvimento no contexto da Organização Mundial de Propriedade Intelectual (WIPO, na sigla em inglês); deu início a um acordo sobre radiodifusão e *webcasting* no próprio Fórum, que só não foi aceito porque os Estados Unidos incluíram cláusulas preventivas que não poderiam ser aceitas. Foi nesse contexto que o 2º Fórum de Governança na Internet foi realizado no Brasil, depois do primeiro na Grécia (Europa) e antes dos próximos previstos para Nova Deli (Ásia) e para Cairo (África). Esse processo de governança é novo, por isso é importante

* Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, jornalista, professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Assessora-chefe de Comunicação da Controladoria Geral do Município da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, e Diretora de Relações Internacionais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

que seja apresentado a países e culturas distintas do mundo ocidental se realmente estivermos interessados em avançar na direção de uma ciber-ecologia, de uma consciência global sobre como as tecnologias podem nos ajudar a solucionar problemas tanto no ambiente de mídia como no mundo real. Também é importante que os brasileiros tenham conhecimento desse processo, porque muito do que é discutido sobre a Internet não é debatido publicamente. Esta falta de debate público é flagrante nos países desenvolvidos, onde desde a comercialização do telefone (praticamente há um século) os cidadãos deixaram de ser consultados sobre os meios de comunicação. Esta, portanto, é uma maneira de retomar o debate público sobre um bem comum crucial, que pode incentivar o desenvolvimento e a diversidade cultural em muitos países. Também é uma oportunidade para o Brasil desempenhar um papel de liderança regional, uma vez que países vizinhos participam do Fórum e se juntam às estratégias regionais.

Revista Intercom – *O mundo sem fronteiras como decorrência da Internet implica em uma série de outras (novas) questões que envolvem custos, segurança, inclusão digital e combate à pornografia, para citar alguns exemplos. Com base na sua participação ativa nas conferências da Cúpula Mundial para a Sociedade da Informação consegue identificar temas que predominem nesses encontros? E de que maneira diria que essas iniciativas estão contribuindo para uma melhor sociedade mundial?*

Divina Frau-Meigs – O Fórum de Governança na Internet não tem como objetivo tratar de todos os temas da Cúpula Mundial para a Sociedade da Informação. É interessante notar que a necessidade de uma discussão temática surgiu já no primeiro Fórum, em Atenas. Os principais temas abordados dizem respeito a abertura, diversidade cultural, segurança e acesso. Alguns resultaram em parcerias dinâmicas, que constituem uma nova forma de reunir pessoas de origem e formação distintas. É uma variação das parcerias com múltiplas participações. As maneiras pelas quais podem contribuir para uma sociedade melhor ainda não estão claras, mas é possível imaginar e testar nessa atmosfera que se

assemelha a um laboratório. Poderíamos, por exemplo, desenvolver perspectivas mais pró-ativas em relação a alguns assuntos, como a tradução de documentos em vários idiomas via programas de computador, de forma a promover a diversidade e a inclusão digital. Também poderíamos incluir princípios dos direitos humanos nos programas pioneiros para proteger o acesso e promover maior abertura. Novas alternativas para a solução de problemas podem ser usadas: no encontro do Rio, por exemplo, as pessoas que lutam pela proteção infantil se encontraram com aqueles que criticam a sua perspectiva, que as consideram redutoras das liberdades geradas pela Internet. Esta é a promessa desse novo tipo de negociação sobre projetos específicos e problemas a serem resolvidos. Uma coisa com a qual devemos nos preocupar é a coerência do conjunto, do todo, e nesse ponto precisamos continuar programáticos. Por exemplo: há uma série de temas que lidam direta ou indiretamente com educação, padrões abertos, recursos educacionais on-line em sistemas abertos... Há uma costura muito importante que pode levar à verdadeira alfabetização digital e diversidade cultural. Deveria existir uma iniciativa decorrente disso, com foco muito preciso em como renovar a educação e a pesquisa em termos mundiais, de forma a atingir o que identifico como *media@education 2.21*, um modo de alfabetização que permite à maioria das pessoas se adequarem à promessa das redes digitais e assumir as capacidades da web semântica em direção a uma inteligência global.

Revista Intercom – *Como vice-presidente da IAMCR (International Association for Media and Communication Research) você viaja com frequência para várias regiões, o que a coloca em contato com pesquisadores de comunicação de países distintos. Com base nesse conhecimento, como identificaria o status atual da pesquisa mundial em comunicação?*

Divina Frau-Meigs – O mundo da pesquisa em comunicação está em um momento de transição. Existe a necessidade real de construção de uma pesquisa para o desenvolvimento, considerando os enormes e múltiplos desequilíbrios e desigualdades

existentes nas sociedades do conhecimento em todo o mundo. Muitas dessas desigualdades estão presentes também na pesquisa, em níveis local e regional. Se eu pudesse identificar as principais prioridades seriam aquelas nos setores que podem funcionar mundialmente, voltadas para o bem estar físico e intelectual das pessoas. Eu também enfatizaria a pesquisa sobre HIV e comunicação e saúde; o papel da sociedade e da mídia alternativa; além de todas as políticas e estratégias econômicas que podem promover a participação e o entendimento. Gostaria, ainda, de ver mais pesquisas sobre as dimensões culturais da sociedade de informação, seja sobre diversidade cultural, sobre alfabetização midiática, ética e direitos humanos. A IAMCR está bem posicionada no momento para tratar desses temas, porque tem uma grande variedade de pesquisadores antenados a esses assuntos. Isto pode ser refletido na sua própria estrutura dos grupos de trabalho e de sessões e pela presença, há décadas, de alguns dos seus associados em programas de desenvolvimento, especialmente junto à Unesco (no Programa Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento – IPDC e no Programa Informação para Todos – IFAP). O departamento de informação e comunicação da Unesco pediu recentemente à IAMCR para ajudar no esboço de uma agenda de estratégia de pesquisa para os próximos quatro anos. É o reconhecimento de que a pesquisa é necessária para descobrir e desenhar as políticas para o nosso campo, da mesma forma como está se tornando relevante para a chamada economia do conhecimento. Por todas essas razões acredito que existe um papel fundamental a ser desempenhado pelos pesquisadores nos próximos anos — não apenas como construtores de conhecimento, mas também como especialistas e ativistas. Essa é a razão pela qual invisto tanto do meu tempo na IAMCR, porque a identifico como a única Organização Não-Governamental com status global que pode ajudar a promover essa visão. Temos um papel a desempenhar na promoção do entendimento mútuo e de soluções sustentáveis em um mundo onde a agenda ambiental e informacional deve estar em harmonia para garantir a e eco-diversidade no nosso planeta.

Revista Intercom – *Os pesquisadores estão estudando as mudanças tecnológicas e culturais provocadas pelos novos meios de comunicação? Existem diferenças de abordagem dependendo das origens culturais do pesquisador (ou seja: os interesses de pesquisa variam a cada país ou há pontos comuns, independente de países)?*

Divina Frau-Meigs – A diferença nas abordagens é o que me fascina e o que dá gás para o meu interesse na análise do campo internacional. Existe uma tradição anglo-saxônica muito forte em relação à pesquisa pragmática e empírica, presente em muitos países desenvolvidos e em desenvolvimento. Isso produz, em vários sentidos, uma base comum para as experimentações no campo. Outras tradições se mantêm, porém, como a abordagem semiótica dos textos midiáticos, que é forte na Europa e na América Latina. Da mesma forma, é consistente a perspectiva da economia política compartilhada tanto pela Europa como pelas Américas e que agora se expande para a Ásia, para mencionar apenas algumas tradições. Os novos meios estão revitalizando alguns caminhos menos explorados, com novas propostas surgindo da etnografia, da antropologia e das ciências cognitivas, voltadas para a análise das implicações sociais das mudanças digitais, tendo como base a proposta de construção de redes sociais de conhecimento e de estudos de comportamento dos usuários. O perigo atual é que a atenção exagerada aos novos meios coloque em risco os meios antigos, ainda que estes continuem fortes na promoção de conhecimento e entretenimento. É imperativo considerar sempre que, apesar da convergência digital, as funções dos meios (antigos e novos) permanecem e precisam ser monitoradas cuidadosamente.

Revista Intercom – *Você também trabalha com o tema “gate-keepers digitais”. O que é como funciona?*

Divina Frau-Meigs – Quando você se interessa, como eu, pelas dimensões culturais da sociedade do conhecimento (prefiro essa designação em vez de sociedade da informação) é preciso desenvolver uma estrutura para a difusão e a mudança de consciência via

meios de comunicação. Na minha pesquisa, tento adaptar alguns pensamentos da área de cognição ambiental ao modelo de transmissão de idéias e de redes neurais, ou seja: tento aplicar a teoria da mente à noção de *gate-keeping* e de filtros aos atores envolvidos no processo. Com isso tento estabelecer paralelos entre a reprodução social de cultura e a reprodução biológica dos neurônios. Tento, também, adicionar o paradigma da comunicação nessa equação, com a idéia de que a mídia da era digital mimetiza esses mecanismos na reprodução de dados: os meios são construídos como externalizações de redes neurais, que por sua vez são internalizadas pelo nosso cérebro, o que faz com que a nossa mente esteja em constante processo de co-evolução com o ambiente em que vivemos. Processamento de informação, monitoração do ambiente e solução de problemas são as três idéias básicas da cognição ambiental, que podem ser analisadas de maneira pertinente se considerarmos os *gate-keepers* como mecanismos de busca. Eles evoluíram na Internet como uma ferramenta orgânica que dá sentido ao caos dos sites acessíveis na web. Gradativamente ganharam sofisticação e o seu controle de acesso ao conteúdo digital causou algumas preocupações entre consumidores, ativistas, associações familiares e governos. Temas como proteção ao consumidor, conteúdo nocivo, liberdade de expressão e acesso ao conhecimento surgiram para questionar a sua funcionalidade atual. O importante é que represente um tipo de atalho mais para a diversão do que para o levantamento sistemático de informações. O processo de *gate-keeping* segue uma lógica econômica focada mais em publicidade do que na construção do conhecimento. Precisa ser monitorado cuidadosamente e medido criteriosamente para dar maior poder aos usuários e de forma a permitir o seu bem estar na sociedade da informação. Quando consideramos os atores envolvidos, três tipos de entidades estão presentes no processo de busca e *gate-keeping* na Internet: o serviço público (governos e bibliotecários); a indústria (provedores de busca e provedores de serviços de informação); e a sociedade civil (em especial pais e especialistas). Cada um defende o seu propósito. Atualmente o espaço cibernético dos mecanismos de busca é mais contíguo do que contínuo: os setores público, privado e cívico seguem seus próprios caminhos. Isso confirma a importân-

cia do reconhecimento da complementaridade na busca de informação: a noção de competição comercial e não-comercial pode surgir em meio aos esforços de cada um em promover a credibilidade na internet. Todas essas questões também indicam que as entidades de serviços públicos e cívicos têm um papel a desempenhar como observadoras dos *gate-keepers*, uma vez que obrigações e reciprocidades com os cidadãos também são necessárias. O mais importante a se levar em consideração é a natureza transformadora de uso, inquestionável para o estabelecimento de políticas específicas. Usos comerciais e não-comerciais são essenciais: se complementam, mais do que competem. O reconhecimento desses rivais que se beneficiam mutuamente também é fundamental, porque os benefícios podem ser distintos. É o caso do desenvolvimento do *software* livre no modelo de código fonte aberto: indica a necessidade de melhor definição dos bens e serviços com os quais interagimos no processo de busca. Também levanta a questão de como associá-los com um entendimento progressivo de políticas e de responsabilidade corporativa, além de aumentar a confiança no mercado...

Revista Intercom – *Sobre alfabetização digital: como você classifica a situação mundial, hoje, em relação a esse tema?*

Divina Frau-Meigs – Entendo que a alfabetização digital — que identifico como *media@education 2.21* — é uma prioridade e inclui todos os tipos de meios de comunicação, de um texto acadêmico à web semântica. Recentemente organizei em Paris uma conferência mundial para celebrar os 25 anos da Declaração Grünwald sobre alfabetização para os meios (Unesco, 1982). A proposta foi avaliar a situação atual. Todos os participantes enfatizaram a necessidade de uma análise crítica da informação, independente do sistema (imagem, som, texto) e do veículo utilizado para divulgação/distribuição. Nos últimos 25 anos inúmeras e ricas experiências foram desenvolvidas tanto dentro como fora das escolas. Trabalhos empíricos e teóricos organizaram um campo bem definido de pesquisa em todas as regiões do mundo. As experiências da Argentina e do Brasil são particularmente estimulantes, com base em um espírito de comunicação social e com

uma visão de democracia sustentável. Mas parece que, em termos globais, existe uma dificuldade em avançar para a fase de políticas específicas sobre educação para os meios, o que daria tanto legitimidade como eficiência ao campo. Por isso é fundamental uma mobilização internacional para expandir a educação para os meios, que é uma das maneiras de estimular a cidadania. Atualmente tento incentivar, junto à Comissão Européia sobre Meios e Sociedade da Informação, a inclusão dos direitos humanos na educação para os meios (direito de liberdade de expressão, direito à integridade pessoal, direito à privacidade...). Isso constituiria uma nova visão para o século 21 em relação à educação como um todo. Também faria com que a educação para os meios fosse coerente com acordos internacionais, como aqueles citados na Cúpula Mundial para a Sociedade da Informação, alinhados com os Objetivos para o Desenvolvimento do Milênio (que trata da erradicação da pobreza e do analfabetismo). Os participantes da reunião em Paris chegaram a 12 recomendações identificadas na “Agenda de Paris” sobre educação para os meios. Entre outros pontos, as recomendações sugerem: programas inclusivos de educação para os meios, em todos os níveis de ensino; treinamento de professores e maior consciência dos financiadores na esfera social; pesquisa e disseminação do conhecimento em redes; e ações de cooperação internacional. É essencial que políticos com capacidade de decisão tenham consciência do assunto e se mobilizem tanto em nível nacional como internacional. Uma iniciativa interessante aconteceu no Fórum para a Governança na Internet no Rio, com a criação de uma aliança dinâmica sobre educação digital aberta – que não é para ser equiparada à alfabetização digital, mas trabalha na mesma direção. Essa aliança está trabalhando agora em uma proposta do que pode ser considerada exceção no que se refere à propriedade intelectual na área de educação. Esse trabalho é decorrência de uma das propostas que o grupo de trabalho sobre educação (que coordenei durante a Cúpula Mundial para a Sociedade da Informação) destacou como um dado essencial para o acesso livre e aberto à educação. Espero que essa proposta avance na próxima reunião do Fórum para a Governança na Internet, marcado para dezembro de 2008 em Nova Déli.

Revista Intercom – *Como integrante da comissão que organizou a Conferência de 2007 da IAMCR em Paris, o que identifica como as contribuições acadêmicas mais relevantes da América Latina?*

Divina Frau-Meigs – A América Latina tem uma sólida tradição em comunicação social. Mostra essa força nas áreas de economia política, políticas de comunicação e análise semiótica de fenômenos midiáticos. Essa produção é ainda mais visível com a inclusão de atores como a sociedade civil e os meios de comunicação comunitários no ambiente da globalização. Vários artigos científicos foram apresentados em Paris sobre a Cúpula Mundial para a Sociedade da Informação e Governança, na perspectiva dos atores sociais. Eu mesma estou desenvolvendo um projeto que abrange desde a Nova Ordem de Informação e de Comunicação até a Cúpula Mundial para a Sociedade da Informação com foco na liderança desempenhada pela América Latina nos dois processos, o que revela o alto nível de participação de intelectuais e pesquisadores latino-americanos. Outra contribuição da América Latina, em especial de pesquisadores brasileiros, tem sido ajudar a democratizar a IAMCR, conectando-a com associações regionais. O tesoureiro Cesar Bolaño tem sido importante nas parcerias entre a ALAIC (Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação) e a IAMCR e está tentando trazer também colegas da ULEPICC (União Latina de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura) e do IBERCOM (Instituto Iberoamericano de Comunicação) para ajudar numa maior visibilidade internacional da pesquisa e do pensamento latino-americano. Outros colegas também estão contribuindo para isso em nível nacional, como Aimée Vega Montiel, que tem sido bastante ativa na aproximação entre a AMIC (Associação Mexicana de Investigadores da Comunicação) e a IAMCR, em especial com pesquisas relativas a gêneros. Todas essas iniciativas foram destacadas na mesa de encerramento da conferência da IAMCR em Paris, que tratou do futuro da pesquisa na área. Em termos gerais, espera-se uma grande contribuição acadêmica da América Latina no futuro.

Quem é Divina Frau-Meigs

Divina Frau-Meigs é professora de Sociologia da Mídia na Universidade Paris 3 – Sorbonne, na França. Diplomada pela Sorbonne, pela Universidade de Stanford e pela Annenberg School for Communications (Universidade da Pensilvânia) é especialista em usos da mídia e da Tecnologia da Informação e da Comunicação. Também é redatora-chefe da *Revue Française d'Études Américaines* (RFEA) e membro do comitê editorial da *MédiaMorphoses* (INA-Colin). É especialista junto à Unesco, à União Européia e em diversas outras agências governamentais na área de regulamentação de mídia.



Publicou diversos livros sobre conteúdo de mídia, como *Les Ecrans de la Violence* (Economica 1997) e *Jeunes, Médias, Violences* (Economica, 2003); sobre informação e jornalismo (*Qui a détourné le 11 septembre? Journalisme, information et démocratie* (DeBoeck, 2006) e sobre as relações entre mídia e tecnologias – *Le crime organisé à la ville et à l'écran, 1999-1951* (Armand Colin, 2001). Também é autora de artigos sobre conteúdos de mídia, informação, regulamentação e auto-regulamentação e mídia na internet. Atualmente Divina Frau-Meigs é vice-presidente da Associação Internacional de Estudos de Mídia e de Comunicação (IAMCR). Durante A Cúpula Mundial da Sociedade da Informação (2001-2005) coordenou o grupo de Educação, ensino superior e pesquisa. Em 2006 recebeu o prêmio *E-toile d'Or* da Internet pelo seu trabalho de pesquisa voltado para a promoção das novas tecnologias da informação